

Formação integrada: o psicanalista de crianças, adolescentes e adultos^[1]

Virginia Ungar^[2]

Boa noite a todos e todas! Vou falar em espanhol, mas quero esclarecer que compreendo bem o português e, como disse a Sandra, eu viajei aproximadamente por três anos, todos os meses, para dar aulas em Porto Alegre, não somente na Sociedade Brasileira – onde ajudei muito na construção do espaço, do Núcleo da Infância e da Adolescência –, mas também na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, e assim aprendi o português. Não obstante, não me atrevo a falar nessa língua por ser muito exigente e porque teria que saber mais noções de gramática. Isso por um lado, e por outro para que vocês saibam que vou tentar falar devagar. Assim que quiserem e se necessitarem me interromper, podem se sentir à vontade.

Gostaria de dizer que é um grande prazer para mim o fato de estar aqui com vocês. Este é um espaço virtual que, como bem assinalou o Miguel, é o único de que podemos dispor neste momento que estamos vivendo. Muito embora alguns falem mal da era da virtualidade, nesta época de pandemia nos tem ajudado e muito. É assim que colocamos em funcionamento todos os institutos, todas as sociedades psicanalíticas do mundo, e conseguimos seguir trabalhando com os nossos pacientes. Portanto, devemos ter gratidão por termos a possibilidade de estarmos conectados e conectadas. Faço um agradecimento muito especial para a Mércia, diretora do Instituto, e também para o Miguel, o presidente, pelo convite que me fizeram. Lembro-me muito bem da visita que fiz a Ribeirão Preto há uns anos e guardo belas recordações dos colegas, dos analistas em formação e da formosa cidade. Essas lembranças estão muito presentes na minha memória. Além disso, agradeço que me permitam compartilhar experiências e ideias que ocupam o centro do meu interesse já faz muito tempo. Também gostaria de dizer que é uma grande alegria poder compartilhar este lugar com a minha querida amiga Nilde, que é uma colega, uma grande amiga

1. Este texto é a transcrição da aula inaugural do evento on-line promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) em março de 2021. Tradução de Claudio César Montoto.

2. Médica e psicanalista. Atual presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

e uma companheira no percurso de sustentar a presença da psicanálise de crianças e adolescentes já faz muitos anos. Mais tarde vou contar um pouco da história da psicanálise de crianças e adolescentes na Associação Psicanalítica Internacional (IPA), e aí vamos conversar novamente.

Antes de me debruçar sobre o tema, vou me permitir dedicar uns instantes para expressar a minha total solidariedade com vocês, com o Brasil, que é um país que amo muito; a sua língua; aqueles que me conhecem profundamente sabem que adoro a música brasileira – aliás, acho que poderia dizer que mais ainda que o tango. Quero me solidarizar com vocês nesse momento tão difícil que eu chamaria de tragédia. Todos estamos no mesmo barco, vivendo uma pandemia que, como bem disse o Miguel, deixa em total evidência as falhas do sistema que vigora no mundo. Isso não somente sou eu que afirmo, também é a opinião dos especialistas – o diz Julia Kristeva, que tive o enorme prazer de conhecer pessoalmente e tenho a honra de ser chamada de “sua amiga”. Ela disse em uma reportagem, neste ano, para o jornal *Corriere della Sera*, algo que posteriormente circulou pelo mundo todo: que ela é uma europeísta, mas que, se tratando da pandemia, a Europa toda fracassou. Porque falhou nos lugares onde, por exemplo, começou a pandemia, que é no Norte da Itália, uma das regiões mais ricas, com mais recursos econômicos do país e que, não obstante, não conseguiu ter a ajuda sanitária necessária. O resultado disso foi que faleceram muitas pessoas, e vocês sabem bem que continua a morrer muita gente sem sequer receber a mínima assistência médica.

Trata-se de uma situação que não podemos negar, e não posso dizer que na Argentina estamos bem, porque o número de infectados continua subindo – lentamente, mas seguimos tendo contágios, doentes e mortes, e não há vacinas suficientes. Não é muito usual que eu faça algo deste estilo, mas quero dizer que não tenho o costume de assinar nenhum tipo de abaixo-assinado devido a uma série de razões: pelo fato de ser membro do Comitê Executivo e presidente da IPA, eu estou sob a lei inglesa. Portanto, não posso fazer nem assinar manifestos nem declarações nem abaixo-assinados, nem interferir na situação política de cada país. Entretanto, como presidente da IPA, assinei um documento, um abaixo-assinado de nível mundial, que é o Covid-19 Vaccines Global Access (Covax; em português, Acesso Global às Vacinas da Covid-19), no qual se solicitam vacinas para todo o mundo. Vocês podem comprovar que o meu nome faz parte da lista enorme, que também assinam pessoas de uma grande trajetória, tais como prêmios Nobel e até instituições. Isso eu fiz como presidente, e agora, como Virginia Ungar, me solidarizo com a situação desesperadora do Brasil. Todos tivemos pessoas próximas que adoeceram, que morreram, como disse há pouco a Mércia, uma colega de vocês. Eu quero também usar este espaço de diálogo para fazer uma homenagem a uma analista brasileira que eu tive por perto durante muitos anos. Ela era de Porto Alegre – estou falando da Marlene Silveira Araújo, que certamente muitos de vocês conheceram e que faleceu faz pouco tempo, vítima desta pandemia. Marlene foi uma lutadora incansável na defesa da

análise de crianças, estando sempre com uma alegria transbordante e uma energia impressionante. Bom, esta é uma homenagem que eu queria muito fazer e, com o nome dela e da colega que vocês perderam, também faço uma homenagem a todos aqueles que estão sofrendo, que lutam por sobreviver, e todos os que perdemos. E quero que saibam que a IPA sempre vai acompanhar vocês de perto, fazendo todo o esforço possível.

Isso que acabei de dizer toca o lado muito emocional, mas ainda bem que, como dizia a Mércia em uma conversa prévia e também o Miguel, por sorte podemos estar todos juntos, pensar juntos e continuar sustentando nosso trabalho, dando o melhor de cada um e tentando ajudar na medida das nossas possibilidades. Também quero dizer algo que tem a ver – e assim faço um pouco de publicidade do congresso de julho – com uma das razões pelas quais decidimos junto com o Sérgio Nick que haveria um congresso na IPA tendo por tema “O Infantil”. Vocês certamente se lembram que dois anos atrás o tema foi “O Feminino”. Nós queríamos que o infantil fosse o tema central, o título do congresso. Tivemos que lutar muito – depois posso contar para vocês como foi. Recebemos a grande ajuda de Florence Guignard, que vocês vão ter o privilégio de ouvir amanhã e que é uma outra grande amiga, muito querida. Certamente a população mais vulnerável do mundo são as crianças, na pandemia e antes da pandemia também. Por isso, a infância tem que estar no centro das nossas preocupações.

Fui convidada para falar da formação integrada. Então, para início de conversa, vou dedicar um tempinho para contar o que penso do tema da formação psicanalítica, para logo passar para o mais específico do nosso encontro. Faz um tempo que eu prefiro falar de transmissão com relação aos processos de ensino e aprendizado no campo da psicanálise porque, se nós falamos de transmissão, descentralizamos, ou seja, tiramos do centro a questão daquele que ensina a alguém, e daquele que aprende de alguém. Assim nos posicionamos em um espaço compartilhado entre o aluno e o professor, que é o lugar do “entre”. A Janine Puget se ocupava muito deste “entre”, uma psicanalista cuja obra vocês devem conhecer, porque foi uma figura muito importante, não somente na minha sociedade, como também na psicanálise argentina, latino-americana e do mundo. Tive o privilégio de compartilhar uma amizade muito grande com ela junto com o meu marido, o Julio Moreno, que também é analista de crianças e adolescentes. Retornando, nesse espaço do “entre” emerge o mais criativo da dupla paciente-analista. Pelo que acabo de mencionar, acredito que os critérios habituais que usa a pedagogia não são de utilidade para serem aplicados na transmissão da psicanálise, porque não podem abranger a experiência.

Eu acredito que a transmissão está muito ligada à ideia de Bion sobre o aprendizado como sendo o resultado de atravessar uma experiência emocional sobre a qual vai se poder pensar, e que neste processo eventualmente acontecerá uma modificação da personalidade. E tanto aquele que ensina quanto aquele que aprende vão ficar modificados pela experiência. Isto é muito análogo ao que acontece em um tratamento psicanalítico. Sabemos bem que nós, seres humanos, aprendemos desde o momento

do nosso nascimento e que vamos seguir esse processo a vida toda. O aprendizado é um processo que sempre está em relação com outras pessoas, e isso nunca é isento de ansiedades nos dois que estão envolvidos. Tem-se estudado e falado muito das ansiedades daquele que aprende, mas a pessoa que ensina também tem o desafio de sustentar um delicado equilíbrio entre o que em espanhol chamamos de “furor de ensinar”, já que em latim temos o *furor curandis*, e a capacidade de tolerar uma certa ignorância. As qualidades iniciais da relação entre o aluno e o professor produzem um efeito profundo sobre a capacidade das pessoas para seguir aprendendo durante a vida toda que, por sua vez, inclui algo tão importante como é a possibilidade de estarmos abertos para novas experiências de qualquer tipo, a sermos aptos para estabelecer conexões e achar significados, que são aspectos básicos da condição criativa do ser humano. Os que me conhecem sabem que Donald Meltzer foi um dos mestres que mais me influenciou na minha vida, e claro, além de muitos outros na Argentina, como o Horácio Etchegoyen e o David Liberman. No entanto, eu sempre afirmo que Meltzer mudou não somente a minha visão da psicanálise, como também o meu olhar sobre a vida e a minha posição no mundo. Quando Meltzer falou da nossa profissão, disse que a psicanálise é uma profissão que não se pode ensinar, que o que realmente nós podemos fazer é facilitar os processos de aprendizado, e assim ele propôs um sistema de ateliê. Aqueles que estão familiarizados com a sua obra sabem bem, mas para aqueles que não a conhecem eu digo: o ateliê seria um lugar a ser compartilhado por qualquer um que tenha algo para ensinar e toda pessoa que tenha o desejo de aprender. Meltzer propõe como modelo um quadro magnífico de Rafael Sanzio, intitulado *A escola de Atenas* (convido todos a procurar essa obra assim que terminar esta aula inaugural). Poderão ver que nesse quadro estão os filósofos da Grécia Antiga, mas também estão representados os poetas, os pensadores mais influentes da Grécia Clássica junto de outras pessoas, inclusive jovens, em diferentes posições, nessa obra que é magistral.

Retomando a ideia da transmissão, vocês sabem que na literatura psicanalítica a transmissão tem uma longuíssima história. Começou com a teoria de Freud sobre a ideia da comunicação de inconsciente a inconsciente. Depois, segundo a minha opinião, está implícita na noção de identificação projetiva de Melanie Klein e na função de *rêverie* que postula Bion – isso somente para mencionar alguns poucos exemplos. Mas também continua nos desenvolvimentos mais atuais: o conceito de transmissão intergeracional que desenvolvem Kaës e também Fairbairn, ou Roussillon com o conceito de conversação primitiva. Enfim, são só alguns nomes porque não consigo mencionar neste momento a todos eles. Mas é necessário dizer que ainda fica um certo tom de mistério na hora que nos perguntamos: como se produz efetivamente essa transmissão? Quais são os mecanismos que estão em jogo? Quais são os vetores? O que acontece com aquilo que nós transmitimos? Acho oportuno aqui mencionar uma citação que Freud usa em vários textos; mais especificamente no final do *Esboço de psicanálise* (1938), ele relata uma fala do Fausto, de Goethe (que já a tinha usado anteriormente): “o que você herdou dos seus pais, conquiste-o para possui-lo”. Nas

minhas palavras, seria algo como: “aceite-o, mas você tem que fazê-lo seu”.

E agora aparecem mais perguntas: por que se aceita o que foi transmitido? Se aceita do jeito que aparece ou se realiza esse trabalho de fazê-lo próprio e conquistá-lo? Sou da opinião de que talvez a obra de Freud bem como essa citação que mencionei nos apresentam um desafio: que nos debrucemos sobre a sua obra e também dos autores posteriores como sendo uma rede que nos sustenta, mas que não deve nos apressar, e sim se constituir em um terreno no qual possam surgir descobertas e até novas teorias. Dessa forma, para que isso aconteça em relação ao que é transmitido, herdado, nos interrogam e nos interpelam a partir desse lugar para fazermos um trabalho pessoal de apropriação e criarmos novas teorizações.

Até aqui fiz um preâmbulo talvez um pouquinho extenso, mas foi para dar uma ideia de como eu vejo o processo de ensino, aprendizado e transmissão da psicanálise, porque hoje vamos falar da formação integrada, tema que inclui a palavra “formação”. Todos sabemos que a formação analítica está classicamente sustentada pelos famosos três pilares: a análise pessoal, os seminários e a supervisão – que é o meu espaço preferido, porque acredito que é o lugar privilegiado para transmitir tudo aquilo que conhecemos. Posso acrescentar a esse tripé o que propõe Stefano Bolognini, o presidente da IPA que me antecedeu, que indicou como a “quarta perna do tripé” a relação com o institucional. Isso se conecta com a formação.

Para mim a psicanálise significa, além de uma teoria e uma prática, uma maneira de estar no mundo. Não é somente um olhar, uma escuta. Acredito que implica e abrange toda a vida de um analista. Não estou falando de posicionamentos políticos, opiniões ou diferenças teóricas. Acredito que implica uma posição ética e uma tomada de decisões, compromissos que não se podem ignorar. Nesse sentido, acredito que aqueles de nós que já temos uma longa experiência na área de alguma forma temos a obrigação de transmitir esse posicionamento ético.

Acabei de mencionar que para mim a supervisão é fundamental porque nós temos uma profissão muito solitária – depois podemos aprofundar esse tema. O narcisismo coloca armadilhas no nosso caminho que nos empurram para o terreno das nossas próprias resistências à psicanálise. Isto é um assunto muito sério que depois podemos ampliar. Digo que é uma questão muito séria porque entendo que se trata de posicionamentos muito fortes. Quero compartilhar com vocês uma reflexão sobre as condições da nossa prática nos dias atuais. Aqueles, como eu, que estão comprometidos na tarefa de facilitar o aprendizado em psicanálise têm grandes desafios. Porque, além de transmitir os pilares básicos da psicanálise clássica, temos que debater sobre as condições da prática e da clínica atual, com suas diferentes demandas relacionadas com a forma de apresentação das patologias contemporâneas que, ao mesmo tempo, requerem novos dispositivos de abordagem clínica e técnica com o objetivo que já assinalou Freud, ou seja, aliviar o sofrimento psíquico das pessoas. Um instituto de psicanálise que tenha como objetivo a formação e a transformação dos analistas, de si mesmos e dos seus professores tem que ajudar os candidatos, facilitando todos os

caminhos para que eles se desenvolvam da forma mais intensa e criativa.

Portanto, devemos debater as profundas mudanças socioculturais que aconteceram nos últimos 50 anos e as incidências que têm na clínica/prática da atualidade. Sabemos que as mudanças na cultura, já faz muitos anos, chegam provocadas pelos mais jovens como também pelas minorias, e elas advêm mais das periferias que dos centros.

A minha querida amiga Florence Guignard, no seu último livro, menciona algo que é muito intenso. Ela defende que a condição necessária para a persistência da psicanálise vai depender, em grande medida, da psicanálise de crianças. Nos diz coisas que, para mim, são simplesmente belíssimas: que se queremos que a psicanálise continue viva, temos que escutar as crianças de hoje, ajudá-las a reconhecer seu sofrimento psíquico como sendo uma oportunidade para desenvolver seus relacionamentos humanos, seus conhecimentos e sua criatividade. Além disso, como analistas podemos falar com elas sobre o valor dos seus sentimentos, também dizer para elas que a ignorância não é uma falha, não é uma incerteza, mas sim um estado necessário para a descoberta do mundo. Devemos receber delas tudo o que têm para projetar, isto eu digo com as minhas palavras, receber as suas ansiedades e ajudá-las a descobrir que a tristeza nem sempre é uma doença, que também é uma emoção, um afeto necessário para poder avançar no conhecimento de si mesmo. A Florence também nos sugere falar com as crianças sobre o que de semelhante têm os corações e as almas que estão sob as diferenças de cor de pele e de cultura. Pessoalmente, eu quero dizer para vocês, ou seja, já não cito a minha amiga Florence, que estou razoavelmente convencida de que podemos ajudar muito, em especial, as crianças e adolescentes a movimentar a sua própria força, sua garra, tanto mais quanto menores forem essas crianças, dada essa incrível capacidade de observação com que nascemos e que, eu acredito, vamos perdendo com cada passo que damos para nos inserirmos na cultura, como se fosse uma espécie de pedágio, quando em uma estrada é necessário pagar para poder seguir circulando. Em síntese, a ideia que eu defendo e que alguns já me escutaram falar, a respeito da observação de bebês, é que todos nascemos com uma enorme capacidade de observação que vamos perdendo gradativamente. São como taxas que devemos pagar para pegar novas estradas. Por isso, para mim, treinar a capacidade de observação, voltar a treinar e recuperar essa capacidade, é uma função que temos a exercer em uma atitude analítica, e para isso nos ajuda muito a observação de bebês.

No que diz respeito à formação integrada, vamos fazer um pequeno percurso pela história da psicanálise de crianças na IPA. Vocês sabem que a psicanálise de crianças nasceu bem cedo em termos históricos. Alguns afirmam que nasceu de um pai e duas mães, e que estas seriam Anna Freud e Melanie Klein. Mas elas, nos anos 20 do século passado – ou seja, faz pouco mais de 100 anos –, já estavam debatendo apaixonadamente esse assunto. Esse debate ficou publicado no famoso artigo que está em *Amor, culpa e reparação*, da Melanie Klein, o “Simpósio sobre análise de crianças”

(1927). Vocês sabem que a IPA foi fundada no ano 1910, mas que o reconhecimento da psicanálise de crianças e adolescentes, dentro de uma estrutura orgânica, demorou muito mais tempo. Foi bastante ambíguo o lugar que teve a psicanálise de crianças e adolescentes. Nos começos da década de 1970, formou-se uma comissão para estudar a possibilidade de ver qual seria o lugar dos analistas formados na psicanálise de crianças e houve debates, mas isso não foi para frente. Tive uma experiência – e provavelmente muitos de vocês também passaram por isso – de, nos congressos internacionais para os quais éramos analistas de crianças, nos darem o domingo para apresentarmos nossos trabalhos. O domingo era um dia em que a maioria dos participantes já tinha voltado para as suas casas, ou o dedicavam a fazer turismo pela cidade. Mas continuamos sempre insistindo nisso. Posso dizer que a Nilde, que escutei se pronunciar e vai falar disto muito melhor que eu, menciona as resistências de que tínhamos falado antes e que estão localizadas precisamente aí, ou seja, trata-se das resistências perante o infantil.

No ano de 1998, foi constituído na IPA o Comitê de Psicanálise para Crianças e Adolescentes (COCAP), e a primeira *chair* foi a Ana Marie Sandler. Eu tive o prazer de ter sido convidada como membro pela América Latina, e a Susana Lustig foi a *chair* pela América Latina. Foi precisamente nessa época que conheci a Nilde, um período em que trabalhamos muito intensamente e no qual se implementou o que foi chamado de “Cláusula do avô”. Nessa época analisávamos os currículos que nos chegavam pelo correio porque ainda não existia a internet. Foram mais de 1.200 membros que habilitamos na função de analista de crianças e adolescentes pela IPA. Naquele momento conseguimos estabelecer os modelos mínimos para a formação em análise de crianças. E assim, trabalhando intensamente, se consolidaram amizades como a que tenho com a Nilde, que foi para a vida toda, grandes amizades como com a Maren Viñar, do Uruguai, com a querida Liliana Pualuán, que nos deixou faz um bom tempo. Depois eu assumi o cargo de *co-chair*, mais tarde fui a coordenadora, como a Nilde, que também foi coordenadora para a América Latina e atualmente coordena todo o Comitê.

Um tempo depois, mais precisamente no ano de 2009, quando eu estava coordenando o comitê e também era membro do *board*, com o Cláudio Laks Eizirik como presidente, chegou na junta diretiva um pedido de uma sociedade europeia para que se aprovasse um programa de formação somente na análise de crianças. Em inglês se chamava “*child only training*”. Estudamos minuciosamente esse programa, a COCAP o pegou, fizeram entrevistas e, bom, para encurtar a história: não foi aceito. Praticamente por unanimidade, com somente um voto contra, não se aceitou por razões que eu acredito que estavam muito bem justificadas, porque criar uma categoria especial era muito difícil, pode-se fazer, mas é difícil. Acredito que um analista de crianças também tem que analisar adultos, porque se relaciona com os pais das crianças, por isso era fundamental que tivessem um treinamento na análise de adultos. Assim, chegamos à ideia de criar um comitê *ad hoc* para a formação integrada que foi aprovado pelo

board. Não vou entrar em detalhes, mas o resultado dos quatro anos de trabalho no comitê que eu coordenei, tal como disse a Sandra no momento de me apresentar para vocês, foi o surgimento da possibilidade de ter um programa de formação integrada. De tudo aquilo que aconteceu nesses últimos anos, a Nilde vai poder contar melhor que eu, mas já cito que surgiu a consciência de que a experiência do trabalho clínico com crianças é uma contribuição muito importante para o trabalho psicanalítico com pacientes de todas as idades. Quero lembrar vocês de que a formação integrada está definida como um caminho adicional e optativo. Não é obrigatório, e acredito ser isso fundamental, ou seja, que possa ser escolhido para a formação na IPA. Com essa formação, a pessoa pode se tornar um analista de crianças, adolescentes e adultos formado pela IPA.

Constantemente fizemos contato, nesse longo processo, com as organizações regionais, com as sociedades integrantes, com o Comitê de Educação e... bom, talvez a Nilde possa nos contar um pouquinho mais de como está a situação neste momento. A aprovação aconteceu entre 2013 e 2015, e a ideia mais importante, que é a base desse programa, consiste em que possam conviver as formações em análise de crianças, adolescentes e adultos num mesmo instituto, em uma sociedade. Há um modelo básico que justamente pode ser tomado como paradigma. É necessário cumprir com determinados requisitos mínimos, como seminários, supervisões, mas também cada instituto tem a liberdade para montar um programa, a ser logo enviado para avaliação da COCAP, que trabalha então com o instituto e a sociedade por meio de um intercâmbio que acho ser sempre muito interessante, e assim acredito que estejam começando essa experiência interessantíssima.

Digo isso porque me parece ser muito importante, uma vez que, para além de todos os aspectos um pouco formais, acredito que expor os analistas em formação a um trabalho com crianças permite que eles tenham um acesso direto aos níveis primários da vida emocional, no que se refere tanto ao libidinal quanto ao agressivo. Trabalhando com adultos, eu sempre defendo que com os pacientes, de alguma maneira, o analista empresta ou oferece a sua mente. É assim mesmo porque precisamente isso é a receptividade. Quanto mais perturbado estiver o paciente, mais emprestamos, porque menos ele tem. Entretanto, na análise com crianças também colocamos à disposição delas o nosso corpo. Não somente pelo fato de estarmos longas horas sentados no chão ou em cadeirinhas, mas porque os pacientes com uma perturbação severa do desenvolvimento usam o nosso corpo, abrem a nossa boca e enfiam os dedos nela, e isso é assim mesmo. Essas experiências que acabei de mencionar não necessariamente têm que ser tão extremas, mas acredito que elas aportam muita coisa. Além disso, temos acesso ao não-verbal de uma forma direta. Prefiro nomear de “não-verbal” em vez de “pré-verbal”. Não gosto de dizer pré-verbal porque isso implicaria que necessariamente se precisa aceder a um nível verbal, e nem sempre isso acontece. Podemos receber, compreender e utilizar aquilo que é não-verbal também para construir interpretações. Com a análise de crianças,

todo o nosso ser está envolvido muito mais que com adultos. Uma outra vantagem é que aprendemos a falar de uma forma muito simples e direta. Isso é uma coisa que sempre me dizem, que eu tenho a capacidade de falar de maneira simples, direta, e que posso relatar coisas muito complexas em termos de nível teórico ou de abstração muito alto ou muito profundo, mas acredito, tenho a sensação – e depois vocês vão me contar – que podem me entender bem. Sou da opinião de que eu conquistei tudo isso pelo fato de ser analista de crianças. Já mencionei a contribuição que faz o método de observação de bebês, que nos permite recuperar a capacidade de observação.

Além disso, também acho muito importante sublinhar que, para mim, a discussão a respeito da escuta ou da observação, tomando como metáfora o Canal da Mancha, não tem mais sentido neste momento, porque estão implicados todos os nossos sentidos e, portanto, a escuta e a observação se complementam. Acho que também há outras discussões que perderam a atualidade e, inclusive, o interesse. Pelo menos não me interessam neste momento. Há discussões, por exemplo, sobre o mundo interno e o mundo externo, mas acho que isso é uma discussão que está obsoleta, que teve seu ponto, acabou. Porque – se vocês me permitem fazer uma observação muito pessoal, e com isso não quero simplificar a história da psicanálise –, na época dos primórdios, a psicanálise esteve muito centrada naquilo que acontecia com o paciente. Isso era a análise clássica. Em um segundo momento, podemos dizer que, com a Escola Inglesa e com todos os desenvolvimentos da identificação projetiva, se abriu um espaço para ver o que acontecia na mente do analista, o que fazia o analista com a noção de contratransferência. Em um terceiro momento e levando em consideração as contribuições que fizeram o Willy e a Madeleine Baranger, que desenvolveram a Teoria do Campo, aparece também a importância de saber o que acontece no campo.

Acredito que agora estamos vivendo um quarto momento, em que a psicanálise não pode ficar longe, nem distanciada, nem deixar de levar em conta o contexto. Por isso, como vocês sabem, junto com o Sérgio Nick criamos nesta administração uma nova estrutura, que não é um comitê. Trata-se de uma enorme estrutura nova dentro da IPA que se chama IPA na Comunidade. Temos uma série muito significativa de comitês que trabalham de uma forma incrível em campos tais como a educação, a saúde e a violência, montamos um comitê de migrações e refugiados, até um comitê, que é o mais novo, sobre as mudanças climáticas, porque isto influencia não somente na nossa mente como também nos processos migratórios e tem, assim, uma importante incidência na nossa vida. Por últimos criamos, no ano de 2020, o Intercomitê para o Estudo do Preconceito e do Racismo, integrado pelos coordenadores dos comitês da Mulher; da Diversidade Sexual e de Gênero; da Violência; e das Organizações Humanitárias, no qual temos justamente a nossa querida Paola Amendoeira, que está como membro em Brasília. Ela é uma jovem muito trabalhadora.

Tudo isso para deixar claro que o conceito de formação integrada e de formação em geral não pode deixar de levar em conta todos esses fatores, as mudanças,

não pode deixar de escutar, e é necessário escutar todas as mudanças que vêm pela frente, toda a experiência que vamos ter, com que a pandemia vai nos deixar, e que não se trata somente dos aspectos traumáticos, porque já estamos trabalhando nisso, mas também do uso da tecnologia. Tudo isso está sendo estudado e vamos investir todo o tempo que for necessário para o estudo, mas temos que estar abertos para escutar e sustentar os nossos analistas em formação. Convido todos vocês a ver o evento que a International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO) organizou. Sempre se afirma que os analistas em formação são o nosso futuro, mas eu sempre defendo que são o presente. O *webinar* que a IPSO organizou vai acontecer amanhã durante 24 horas seguidas, levando em conta os fusos horários, com o tema de psicanálise e criatividade. Fui convidada a dialogar com um escultor da África do Sul; depois se apresenta um analista da Índia, que vai conversar com ninguém menos que Anish Kapoor, e assim sucessivamente. Na nossa administração temos estado muito perto dos candidatos e da IPSO. E dirijo isso que acabei de dizer aos candidatos, porque a formação integrada é um caminho a mais que pode ser muito atrativo para muitos de vocês!

Desejo o melhor para todos vocês e os acompanho com o meu coração nessa iniciativa!

Muito obrigada por tudo!

Virginia Ungar

Endereço: Rep. de la India, 2921, p. 11. Buenos Aires/Argentina.

Tel.: +54 11 4801-9312

E-mail: virginiaungar@gmail.com

Site: www.virginiaungar.com